



## DO *ETHOS* AO ETOS: UM CONCEITO SEM *H* E SEM DETERMINANTES

BRUNO DEUSDARÁ<sup>1</sup>

DÉCIO ROCHA<sup>2</sup>

POLIANA COELI COSTA ARANTES<sup>3</sup>

**RESUMO:** O presente artigo está organizado em três momentos. Inicialmente, procede-se a um duplo debate: uma reflexão sobre a opção majoritária de se grafar *ethos* como palavra estrangeira e a proposta de conferir ao conceito uma grafia em língua portuguesa, a saber, etos, como já o apresentam diferentes dicionários; uma indagação sobre a real necessidade de se manterem categorias como as de etos pré-discursivo (ou prévio) e etos dito, tendo em vista a produtividade de uma concepção de etos tal como fora postulada em seus primórdios, restrita ao que se chamou etos mostrado. Em um segundo momento, um exercício de leitura de texto publicado na mídia digital sobre tema da atualidade, a saber, o casamento gay, reproduzido em anexo, terá por objetivo ratificar a pertinência da opção que fazemos por manter uma única categoria de etos, considerando que dispositivos como o vocabulário e coenunciadores, integrantes da semântica global de D. Maingueneau, podem dar conta do que vem sendo atribuído a diferentes subcategorias de etos. Por fim, propõe-se uma breve reflexão acerca da noção de subjetividade, a qual ocupa um lugar central nos estudos de base discursiva, buscando-se afastar uma concepção essencialista ou naturalizada do conceito, que muitas vezes é responsável por torná-la indistinta do que se compreende por identidade e individualidade.

**Palavras-chave:** etos (mostrado); semântica global; subjetividade.

**RÉSUMÉ:** Cet article est organisé en trois volets. Tout d'abord un double débat est lancé: d'un côté, une réflexion sur l'adoption majoritaire de la graphie française *éthos* et l'option de donner au concept une graphie en langue portugaise, à savoir, *etos*, comme le présentent déjà différents dictionnaires; de l'autre, le questionnement du réel besoin de maintenir des catégories telles que *éthos* prédiscursif (ou préalable) et *éthos* dit, en vue de la productivité d'une conception de *l'éthos* comme il a été postulé dans ses débuts, limité à ce qu'on a appelé *éthos* montré. Dans un deuxième temps, un exercice de lecture de texte publié dans les médias électroniques sur un thème engageant de l'actualité, à savoir le mariage homosexuel, reproduit dans l'annexe, visera à ratifier le bien-fondé de l'option que nous faisons de maintenir une seule catégorie d'*éthos*. Différents dispositifs tels que le vocabulaire et les

---

<sup>1</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro UERJ, Rio de Janeiro (RJ), Brasil. [brunodeusdara@gmail.com](mailto:brunodeusdara@gmail.com)

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001

O autor agradece aos financiamentos concedidos pelos Programas Prociência (UERJ/FAPERJ) e Jovem Cientista do Nosso Estado (FAPERJ)

<sup>2</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro UERJ, Rio de Janeiro (RJ), Brasil. [rochadm@uol.com.br](mailto:rochadm@uol.com.br)

<sup>3</sup> Universidade do Estado do Rio de Janeiro UERJ, Rio de Janeiro (RJ), Brasil. [polianacoeli@gmail.com](mailto:polianacoeli@gmail.com)

A autora agradece ao financiamento concedido pelo Programa Prociência (UERJ/FAPERJ).

A disposição dos nomes dos autores segue estritamente a ordem alfabética.

coénonciateurs, partie prenante de la sémantique globale de D. Maingueneau, sont à même de faire le point sur les faits linguistiques censés correspondre à des sous-catégories de l'éthos. Finalement, nous proposons une brève réflexion sur la notion de subjectivité, qui occupe une place centrale dans les études de base discursive, cherchant à éloigner une conception essentialiste ou naturalisée du concept, qui est souvent responsable de la fâcheuse coïncidence avec identité et individualité.

**Mots-clés:** éthos (montré); sémantique globale; subjectivité.

O debate travado no presente artigo centra-se na noção de etos<sup>4</sup>, conceito que, ao vincular “modos de dizer” e “modos de ser” na linguagem, guarda articulações importantes com a noção de subjetividade, fato que merece, a nosso ver, ser explicitado. Contrariando uma ótica cientificista segundo a qual “os problemas são dados já feitos ... [que] desaparecem nas respostas ou na solução” (DELEUZE, 1988, p. 259), estamos certos de que mais vale produzir problemas do que encontrar soluções que os silenciem. Verdadeiros problemas não se desfazem – e não se satisfazem – com respostas. Retomando ainda Deleuze, se assim o fosse, problemas não passariam de quimeras: devaneios ou peças de ficção desprovidas de realidade. Acreditamos serem de outra ordem os problemas que desejamos levantar acerca do conceito de etos.

## 1. ESTUDOS DA LINGUAGEM: PROBLEMAS DE GRAFIA

A primeira questão que aqui se evoca apenas aparentemente diria respeito a uma simples opção ortográfica. Conforme procuraremos demonstrar, trata-se, antes, de uma questão autoral que resumidamente apresentamos como se segue: que voz é essa que enuncia um saber sobre *ethos* em textos redigidos em língua portuguesa, desconhecendo a forma “etos” já atestada em dicionários como o Houaiss e o VOLP? A constatação de um uso majoritário da forma *ethos*, grafada com *h*, em textos em língua portuguesa<sup>5</sup>, permite-nos levantar uma dupla hipótese: (i) trata-se de uma tradição etimológica dos escritos em língua portuguesa; (ii) trata-se de uma atitude de respeito à grafia do conceito em língua estrangeira.

Com relação à primeira hipótese, acreditamos que muito dificilmente poderia ser uma explicação plausível para a grafia do termo com *h*, uma vez que o vocábulo esteve bastante “esquecido”, pelo menos no campo dos estudos da linguagem, até que Ducrot lhe tenha dado novo “sopro de vida” nos anos 1980 em sua teoria polifônica da enunciação. Como o autor produz sua obra em língua francesa, é muito previsível que tenha falado de *ethos*, e a forma éthos, com acento agudo, presente em muitos outros textos também em língua francesa<sup>6</sup>, estaria longe de causar estranhamento, visto ser coerente com outras formações em língua francesa que igualmente recebem o acento agudo: *éthocratie*, *éthogramme*, *éthologie*, etc.

---

<sup>4</sup> No próximo tópico, ficará clara a razão da grafia que aqui adotamos para nos referir ao conceito.

<sup>5</sup> A tradução de Maingueneau (1995), assumida por Marina Appenzeller e revista por Eduardo Brandão, constitui uma exceção à regra: na referida obra, etos vem redigido sem *h*, como convém em língua portuguesa.

<sup>6</sup> Este é o caso dos trechos extraídos de Maingueneau que reproduzimos nas notas de rodapé 9 e 10.

Uma breve incursão em um histórico da ortografia do português brasileiro revela-se suficiente para afastar a hipótese etimológica. Segundo Henriques (2019, p. 276), entre os séculos XVI e XVIII, os estudos humanísticos foram marcados por uma “pretensão de imitar os clássicos latinos e gregos”, colocando-se em cena um eruditismo nem sempre de bases sólidas que, no plano ortográfico, ensejou a ocorrência de formas como *typho*, *theatro*, *rheumatismo*, *chimica*<sup>7</sup>.

Tomando por base estudos realizados em Portugal em 1911, o acordo ortográfico luso-brasileiro de 1931 procedeu à supressão de th, ph, y, dentre outras modificações operadas na grafia do português, decisão revogada pela Constituição de 1934 e somente implantada com êxito por ocasião da Convenção Luso-Brasileira de 1943 (HENRIQUES, 2019, p. 277). O que não impede até hoje a presença de *th* não apenas em palavras estrangeiras (em nomes próprios como *Thunderbird*), mas também como forma digráfica ostentadora de um certo requinte bastante reivindicado por nomes próprios, como ocorre na distância que separa *Tiago* e *Thiago*, por exemplo. Falamos aqui, no caso de nomes próprios, de um respeito ou preferência pela grafia do termo em língua estrangeira – o francês e o inglês parecem ser as línguas de origem mais prováveis. No que diz respeito, porém, ao registro de um conceito do campo dos estudos da linguagem, tal “preferência” pela língua estrangeira será portadora de consequências mais graves. Com efeito, a insistência em uma grafia “alienígena”, a exemplo de *ethos*, implicará, de forma indireta, a identificação de quem detém o direito de teorizar sobre o conceito. Dito de forma breve, a formulação teórica sobre esse *ethos* caberia, por alguma razão, a uma voz vinda do estrangeiro.

Queremos, neste artigo, insistir em uma atitude que possa conferir uma feição nacional ao conceito, até porque a atividade de pensar o etos há muito tempo já se revelou importante nos trabalhos desenvolvidos por pesquisadores de língua portuguesa<sup>8</sup>. Numa iniciativa de conferir “cidadania brasileira” ao termo, falaremos, portanto, de etos, forma que, a exemplo de lápis, pires, tênis, ônibus, permanecerá a mesma no singular e no plural (evitando, assim, além de *ethos*, a estranhíssima forma plural *ethè*, que eventualmente usaremos apenas nos casos de citação de outros autores).

## 2. ESTUDOS DA LINGUAGEM: PROBLEMAS DE NOMENCLATURA

Para além de nossa reivindicação de uma grafia em língua portuguesa para etos, queremos ainda repensar o quadro conceitual que vem sendo construído em torno do conceito, quando se mencionam diferentes categorias de etos: etos pré-discursivo (também denominado etos prévio), etos discursivo, etos dito, etos

---

<sup>7</sup> Exemplos extraídos de Henriques (2019).

<sup>8</sup> Para além dos inúmeros trabalhos de dissertação, teses e artigos científicos em periódicos diversos que se voltam para a temática do etos no Brasil, citamos apenas duas publicações integralmente dedicadas ao tema: Motta & Salgado (2008) e Di Fanti & Feré (2018), obras às quais vem se somar o presente número de *Caderno de Estudos Linguísticos*.

mostrado, profusão de conceitos de cuja interação resultaria o que Maingueneau (2005, p.82) chamou de etos efetivo.

O problema que ora desejamos levantar diz respeito à dupla acepção da noção de etos discursivo na literatura da área. Senão, vejamos:

... o etos discursivo se mostra no ato de enunciação, ele não é dito no enunciado. [...] O etos discursivo é, portanto, percebido, mas não faz parte do objeto do discurso.<sup>9</sup> (MAINGUENEAU, 2014, p. 34)

Os analistas do discurso distinguem etos prévio (ou ‘pré-discursivo’) e ‘etos discursivo’<sup>10</sup> (MAINGUENEAU, 2014, p. 35)

Em (1), etos discursivo coincide com o que se denomina etos mostrado, em oposição a etos dito; em (2), opõe-se a etos pré-discursivo. Configura-se, desse modo, uma ambiguidade no conceito de etos discursivo que é geradora de dificuldade teórica. O que propor para superar tal situação de indesejada polissemia?

## 2.1 Em questão, etos discursivo e etos dito

Nossa resposta consistirá em retomar a monossêmia do conceito de etos tal qual a encontrávamos nos primeiros escritos de Maingueneau, procedendo, para tal fim, a uma dupla exclusão: (i) exclusão da categoria do etos pré-discursivo (ou etos prévio); (ii) exclusão da categoria do etos dito. Antes de justificar nossa proposta, lembramos a formulação monossêmica de etos em Maingueneau (1989). Com efeito, o autor retoma o sentido de etos reconhecido pela retórica antiga e assim apresenta o conceito: “... [a retórica antiga] entendia por *ethé* as propriedades que os oradores se conferiam implicitamente, através de sua maneira de dizer: não o que diziam a propósito deles mesmos, mas *o que revelavam pelo próprio modo de se expressarem*”. (MAINGUENEAU, 1989, p. 45). Uma mesma acepção permanece em Maingueneau (1995):

A eficácia desses *ethé* está, precisamente, vinculada ao fato de que de certo modo eles envolvem a enunciação sem serem explicitados no enunciado. O que o orador pretende ser, dá a entender e mostra: não *diz* que é simples e honesto, *mostra-o* através de sua maneira de se exprimir. (MAINGUENEAU, 1995, p. 137-138)

O que se percebe na teorização do autor em seus primeiros escritos é, com efeito, um único sentido para etos: uma certa compleição que o enunciador mostra de si sem o dizer explicitamente, apenas pelo modo como enuncia. Ou seja, o etos coincide com o que veio a ser chamado de etos mostrado, designação que, aliás, é bastante esclarecedora do fenômeno em questão – o enunciador mostra o que

---

<sup>9</sup> ... l’éthos discursif se *montre* dans l’acte d’énonciation, il ne se *dit* pas dans l’énoncé. [...] L’éthos discursif est donc perçu, mais il ne fait pas l’objet du discours.

<sup>10</sup> Les analystes du discours distinguent par ailleurs éthos « préalable » (ou « prédiscursif ») et « éthos discursif ».

é por intermédio de seu modo de enunciar – e, por essa razão, preferível a etos discursivo.

Ratificando nossa posição, lembremos ainda que a perspectiva de Ducrot também se mostra compatível com tal concepção monossêmica de etos, que o autor também compreende como etos mostrado:

Um dos segredos da persuasão tal como é analisada a partir de Aristóteles é, para o orador, dar de si mesmo uma imagem favorável ... Esta imagem do orador é designada como *ethos*. É necessário entender por isso o caráter que o orador atribui a si mesmo pelo modo como exerce sua atividade oratória. Não se trata de afirmações autoelogiosas que ele pode fazer de sua própria pessoa no conteúdo de seu discurso, afirmações que podem ao contrário chocar o ouvinte, mas da aparência que lhe confere a fluência, a entonação, calorosa ou severa, a escolha das palavras, os argumentos ... (DUCROT, 1987, p. 188-189)

Acrecentemos que o posicionamento de Maingueneau parece um tanto hesitante em relação à adoção das diferentes categorias de etos anteriormente citadas. Se, conforme dissemos, em *O Contexto da Obra Literária* (Maingueneau, 1995) e *Análise de Textos de Comunicação* (MAINGUENEAU, 1998) era mantida uma concepção de etos que se limitava ao que foi posteriormente chamado de etos mostrado, outra era a situação em 1999, data da primeira edição de *Images de soi dans le discours* (obra traduzida posteriormente para o português e que identificamos como Maingueneau, 2005), quando o autor subscreve as diferentes categorias de etos (dito, prévio, efetivo, discursivo), não, é claro, sem então reconhecer uma dificuldade teórica: “a distinção entre *ethos* dito e *ethos* mostrado inscreve-se nos extremos de uma linha contínua, já que é impossível definir uma fronteira clara entre o ‘dito’ sugerido e o ‘mostrado’ não explícito.” (MAINGUENEAU, 2005, p. 82). Assiste-se a um novo recuo a uma concepção monossêmica em 2012, por ocasião da 6ª edição ampliada da obra de 1998: o autor faz acréscimos ao capítulo referente ao etos, mas não incorpora qualquer referência às diferentes subcategorias que havia acolhido em Maingueneau (2005). Finalmente, no artigo publicado na revista *Langage et Société* (MAINGUENEAU, 2014), eis que reaparecem todas as subcategorias do conceito.

Podemos, agora, avançar e justificar nossa proposta no sentido de superar a indesejável ambiguidade da noção de etos discursivo. Em seu sentido (1), entendemos ser o conceito desnecessário, uma vez que podemos eliminar do território do etos aquilo que se concebeu como etos dito. Conforme dissemos, nossa opção consiste na retomada do conceito original de etos, marcado por uma monossomia que o restringia ao que foi chamado de etos mostrado: o etos nada tinha a ver com o que o enunciador dizia explicitamente de si próprio, e sim com o modo pelo qual era capaz de enunciar. O que se chamou (inevitavelmente) de etos dito corresponde a fenômenos inscritos na materialidade da língua que podem, com toda a propriedade, ser abordados por uma outra “entrada” oferecida pela semântica global de Maingueneau: o vocabulário. Retomemos, a título de demonstração, um dos trechos analisados pelo autor como manifestação de um etos dito:

Sou um homem de 56 anos, moreno, cabelos castanhos, magro. Separado há muitos meses e pai de duas crianças. Sou editor em uma editora universitária em Paris. Sou de origem catalã. Sincero, autêntico, gosto de pessoas. Tenho compromisso com a ação humanitária, gosto de viagens ... Homem de caráter simultaneamente frágil, sensível e romântico, espero de uma mulher: inteligência, sensibilidade, uma boa dose de humor, e ternura para compartilhar muito bons momentos a dois ... Espero por você. (MAINGUENEAU, 2014, p. 36)<sup>11</sup>

De início, o que se constataria em uma análise que trabalhasse com o conceito de etos dito seria uma pletora de marcas linguísticas indicativas da subcategoria em análise: afinal, que trecho do fragmento acima reproduzido não importaria para a construção de uma imagem do enunciador? Ora, se tudo o que lemos no trecho se reporta a um etos dito, então a categoria analisada não deverá ter uma grande pertinência. E mais: se o etos dito se manifesta no uso de termos que acabam por construir uma imagem – física ou psicológica – do enunciador (moreno, magro, sincero, autêntico, frágil, etc.), então devemos concluir ser possível dar conta de tais marcas linguísticas pelo vocabulário, que é uma outra entrada oferecida pela semântica global de Maingueneau. Aliás, o vocabulário seria por definição o dispositivo discursivo que se prestaria a dar conta do dito, do inscrito na materialidade da língua. Não nos parece econômico teorizar uma nova categoria de etos – o etos dito – a fim de resolver um problema do qual o vocabulário pode adequadamente dar conta.

Ao atribuir tal responsabilidade ao dispositivo do vocabulário, avançamos na articulação entre o que se expressa no plano do dito e as coerções impostas pelos variados suportes e pelos regimes de enunciação, no caso, as páginas de relacionamento em ambiente virtual. No exemplo em questão, dizer de si por meio de vocábulos como “sincero” “autêntico”, “frágil” em uma página virtual é bem mais assimilável do que fazê-lo em... um debate eleitoral televisivo!

Permanecemos, pois, apenas com o etos (mostrado), até porque haveria ainda um motivo suplementar para abrimos mão da categoria do etos dito: todo etos dito será também um caso de etos discursivo no sentido (2) do termo. O que seria cômico, se não fosse um sério complicador da questão!

## 2.2 Em questão, etos discursivo e etos pré-discursivo

Excluída a necessidade do conceito de etos discursivo diante da exclusão da categoria de etos dito, resta-nos agora tão somente seu uso na acepção (2): o etos discursivo como contrapartida de um etos pré-discursivo. Nossa argumentação será bem mais pontual, uma vez que a solução que oferecemos é de uma mesma natureza: também não nos parece econômico multiplicar a categoria do etos em diferentes subtipos, instituindo uma categoria de etos prévio, se um outro

---

<sup>11</sup> Je suis un homme de 56 ans, brun aux yeux marrons, mince. Séparé depuis plusieurs mois et père de deux enfants. Je suis responsable d'édition dans une maison d'édition universitaire à Paris.

Je suis d'origine catalane. Sincère, authentique, j'ai le goût des autres. Je suis engagé dans l'action humanitaire, j'aime les voyages... Homme de caractère à la fois fragile, sensible et romantique, j'attends d'une femme: intelligence, sensibilité, une bonne dose d'humour, et de la tendresse pour partager de très bons moments à deux... Je vous attends.

dispositivo da semântica global de Maingueneau pode oferecer um tratamento adequado aos fenômenos que então se nos apresentam.

Iniciemos esta etapa recuperando a posição de dois autores que argumentam favoravelmente à categoria do etos prévio (ou pré-discursivo). Segue trecho extraído de Haddad (2005):

Longe de constituir um elemento exterior ao discurso ..., o ethos prévio está, ao contrário, estreitamente ligado ao ethos discursivo. ... a imagem produzida no discurso leva em conta, corrige e refaz a representação prévia que o público faz do orador. (HADDAD, 2005, p. 163)

Amossy também propõe uma reflexão sobre o mesmo tópico, tematizando o embate entre etos discursivo e etos institucional:

“... a posição institucional do orador e o grau de legitimidade que ela lhe confere contribuem para suscitar uma imagem prévia. Esse ethos pré-discursivo faz parte da bagagem dóxica dos interlocutores e é necessariamente mobilizado pelo enunciado em situação” (AMOSSY, 2005, p. 136-137).

Compreende-se que a preocupação de ambos os autores reside no fato de que casos há em que o coenunciador não parte de uma posição zero em seu movimento de incorporação, quando um etos se produz. Em Haddad (2005, p. 163), “a imagem preestabelecida afeta, e até condiciona, a construção do ethos no discurso”; uma mesma ordem de preocupação podemos atribuir a Amossy em sua tentativa de integrar imagem discursiva e *status* institucional (Amossy, 2005, p. 142). O que parece estar implícito nessas considerações é a necessidade de uma reflexão sobre a dinâmica institucional das práticas de linguagem: a inscrição de um discurso não se dá em um plano institucional absolutamente novo, de contornos supostamente neutros.

Não discordamos dos autores, mas, à semelhança do que propusemos como argumento para excluir a categoria do etos dito, acreditamos que mais vale uma solução econômica para a questão do etos pré-discursivo: o estatuto dos coenunciadores, outro dispositivo da semântica global, pode perfeitamente dar conta dessa dimensão institucional que é responsável pela produção desses seres de linguagem que são os coenunciadores, jamais confundidos com seres empíricos. Com efeito, parece-nos que a opção que consiste em teorizar uma subcategoria de etos prévio pode fragilizar a força da dinâmica institucional pressuposta na formulação da prática discursiva, em seus enlaçamentos paradoxais entre textos e comunidade de sustentação desses textos: conceder um peso considerável (determinante?) ao solo instituído parece provocar um congelamento das forças instituintes que se encontram em disputa e que são mais ou menos deslocadas a cada ato de enunciação.

Assim, a dimensão dos “saberes e atitudes prévios” que certamente desempenham um papel de relevo na produção de um etos (dimensão a ser ratificada ou retificada, atualizando-se imagens produzidas em textos do passado) só poderá ser apreendida nos textos que se produzem, e tal dimensão estará constitutivamente presente na caracterização dos coenunciadores. Dito de outro

modo, até se materializarem em um novo texto, os elementos do plano pré-discursivo não passam de reminiscências e impressões que, por sua natureza fugidia, não se prestam a qualquer procedimento de análise.

Defendemos, deste modo, a ideia de recolocar o presente debate sobre o etos, no qual lidamos com subcategorias que nos parecem supérfluas como as do etos dito e etos prévio, no bojo da semântica global da qual fala Maingueneau. Pensamos que muitas das convergências e divergências entre etos dito e etos mostrado apontadas por Maingueneau (2014) seriam passíveis de um tratamento adequado mantendo-se indivisa a categoria do etos (que coincidiria então com o que hoje chamamos de etos mostrado) e articulando-a aos demais dispositivos da semântica global, como tema, vocabulário, coenunciadores, modo de coesão, código linguageiro e outros. Todos esses planos estão a serviço da complexa rede de relações entre textos e sua espessura institucional.

Havendo procedido a uma dupla exclusão – exclusão das categorias do etos dito e do etos pré-discursivo –, vemos justificada nossa proposta de retorno a uma concepção monossêmica de etos, nos termos definidos nos primeiros trabalhos que priorizavam a possibilidade não de se dizer um “perfil (individual?) de enunciator”, mas de se mostrar a coerência da própria enunciação com um certo caráter e uma corporalidade.

### **3. ARGUMENTOS EM SUSTENTAÇÃO A UMA ÚNICA CATEGORIA DE ETOS**

Apresentamos no tópico anterior uma certa tendência de fracionamento da categoria do etos em subcategorias menores – etos discursivo, etos pré-discursivo, etos mostrado, etos dito – e, como alternativa, preferimos apostar na unicidade do referido conceito, excluindo de nossas considerações o etos dito e o etos pré-discursivo (ou etos prévio). Buscaremos agora justificar a aposta que fazemos, recorrendo a material figurando nas mídias digitais a respeito de tópico altamente polêmico na contemporaneidade, que reproduzimos em anexo: o afrontamento de posições favoráveis e contrárias ao chamado “casamento gay”.

Sem dúvida, a discussão em torno do “casamento homossexual” – como é mais largamente tematizado nos circuitos do senso comum e que será preferencialmente marcado pelos discursos jurídico e político como “união civil igualitária” – configura uma arena de debates que, na cena nacional contemporânea, encontra-se intensamente polarizada, conferindo “lados” facilmente reconhecíveis, razoavelmente cristalizados em “favoráveis” e “contrários”. Tal tipo de constatação parece interessar mais fortemente a abordagens retóricas e do campo da argumentação, e menos aos estudos do discurso assentados sobre a crítica ao modelo de sujeito da razão. Nesse quadro de reflexões, assumimos que os “lados” em confronto manifestam opiniões, como verdadeiros blocos de enunciados condensados que fazem ver alinhamentos individuais às posições em embate. Ao analista do discurso interessa investir em escavações de blocos condensados, procurando demonstrar que sentidos e valores são postos em

cena, que\_vocalidade é preciso assumir para dar voz a textos que (ao menos supostamente) estariam alinhados a essa ou àquela posição. É justamente pelo fato de possibilitar evidenciar esses dois tipos de encaminhamentos que a opção pelo referido material se justifica, no presente texto. Dito de outro modo, interessa investigar que desenho de mundo, de sujeitos e suas relações é preciso pressupor para que sejam legítimas as manifestações no referido debate. Nesse sentido, explicitaremos por que não investimos na categoria de etos prévio, justificando nossa escolha pela monossemia do termo.

O texto submetido à análise intitula-se “Dez razões para você ser contra o Casamento Gay”. Além do referido texto, indica-se ao leitor a versão adaptada no sítio do *YouTube*, ligeiramente diferente da versão impressa, mas construída em um mesmo tom<sup>12</sup>. O texto do *YouTube* é produzido como se se tratasse de um diálogo entre dois sujeitos ocupando posições discursivas diversas: um sujeito que se identifica com os saberes da posição homofóbica; seu interlocutor que, do ponto de vista argumentativo, desqualifica as razões apontadas pela postura homofóbica. Encenando os dois papéis, uma mesma atriz, Karyna Rangel, caracterizada diferentemente para sustentar cada uma das duas posições enunciativas: interpretando a enunciadora homofóbica, veste roupa em tom pastel, tem os cabelos presos e usa óculos de armação pesada, o que lhe confere uma aparência antiquada; como enunciadora crítica, favorável à união homoafetiva, usa uma maquiagem que a caracteriza como mais jovem do que sua interlocutora, cabelos longos soltos e roupa colorida em estilo descontraído. Ao final, essa enunciadora crítica diz: “esse vídeo é uma ironia”.

No texto impresso, o pré-discursivo, plano reivindicado por autores como Haddad (2005) e Amossy (2005), mantém estreita relação com as crenças e valores que remetem a um conhecimento prévio do amplo debate que se vem travando a respeito das condições de exercício da homoafetividade. Mencionamos tal plano pré-discursivo por sabermos que dificilmente um leitor tomaria contato com o texto como se pela primeira vez ouvisse falar do tópico. Há, com efeito, saberes prévios que predisõem o leitor a assumir uma determinada posição em relação ao texto. No entanto, tais saberes prévios só podem ser captados à medida que são atualizados no texto em análise pela retomada de vozes que reconhecemos nesse passado pré-discursivo. Ou seja, o pré-discursivo somente ganha realidade ao ser materializado em um novo texto, quando um etos também se constitui, e por essa razão julgamos não proceder a manutenção de uma categoria de etos pré-discursivo. Na verdade, as pistas para a construção de tal etos pré-discursivo não seriam senão impressões, reminiscências de debates havidos no passado, cujos efeitos só ganham força por ocasião da construção de um novo texto que as regate. Tal resgate se dá massivamente por meio do interdiscurso<sup>13</sup>. Dizemos aqui propositalmente “interdiscurso”, e não “intertexto”, pois pensamos que o que dá

---

<sup>12</sup> A versão no *YouTube* pode ser encontrada em <https://www.youtube.com/watch?v=kOE27daO7p0>.

<sup>13</sup> Por interdiscurso, entendemos aqui o sentido que Maingueneau (2004, p. 286) atribui a Charaudeau: “jogo de reenvios entre discursos que tiveram um suporte textual, mas de cuja configuração não se tem memória”.

corpo a esses valores antecedentes não chega necessariamente a retomar literalmente outros textos<sup>14</sup>. O que se retoma é centralmente uma temática conhecida de todos, em um tom que reconhecemos como típico de um posicionamento contrário às posições homofóbicas. Desse modo, a existência de um etos pré-discursivo geraria a ilusão de que seria possível localizar, em um determinado espaço (a pretensa pré-discursividade), traços, elementos “de cuja configuração não se tem memória” (MAINGUENEAU, 2004, p.286) e que constituem efeito de presença, justamente pelo modo como esses elementos ganham atualidade num certo investimento de etos. Assim procedendo, a posição que neste texto assumimos procura reconhecer que a produtividade da Análise do Discurso reside em poder operar sobre a tensão entre anterioridade (memória) e atualidade (o arranjo singular possibilitado por cada novo texto que emerge), afirmando a potência da singularidade e fazendo ver suas condições de emergência.

Como se pode verificar em anexo, o texto é introduzido por um breve parágrafo, cujo tom pode inicialmente permanecer misterioso para o leitor, tendo em vista a presença de elementos que conduzem a uma leitura que ratifica a posição homofóbica, mas já se insinuam também elementos que parecem anunciar posicionamento discursivo diverso. Senão, vejamos o que se inscreve nesse primeiro parágrafo:

No meio de tantos protestos e revoltas, é aprovada a tal da Cura Gay, um projeto que promete fazer todos aqueles que gostarem de pessoas do mesmo sexo que o seu se regenerarem e virarem pessoas de bem e heterossexuais. Porque é claro que o Brasil está doente e os gays, obviamente, estão doentíssíssimos. E, abaixo, tu vê 10 razões incríveis pra toda a nação ir contra o casamento homossexual, essa doença da nossa sociedade, é claro:

Como dispositivos que argumentam favoravelmente a um posicionamento homofóbico, localizam-se pistas da ordem do vocabulário, a exemplo do verbo “regenerar-se” e de sintagmas como “pessoas de bem”, “o Brasil está doente”, “Casamento homossexual, essa doença da nossa sociedade”; por outro lado, sintagmas como “a tal da Cura Gay” e formações hiperbólicas como “doentíssíssimos” parecem suspender um apoio (pelo menos incondicional) à homofobia, inaugurando-se, desse modo, uma leitura que comporta uma dimensão de distanciamento em relação aos enunciados produzidos.

Passando-se às dez razões anunciadas no título da matéria, acreditamos poder falar também de mais um plano de captação de outras discursividades, desta vez a captação de um gênero – o decálogo, tipo de composição característico para a apresentação de preceitos de ordem religiosa, a exemplo dos Dez Mandamentos cristãos, ou então os conselhos sempre presentes nos textos de autoajuda. Acrescente-se que a referida captação de gênero funciona no sentido de instituir a cenografia que legitimará o que se diz nesse texto. Acompanhemos de perto a construção de algumas dessas razões para se rejeitar o casamento gay:

---

<sup>14</sup> Há, talvez, a presença de um sintagma que se retoma literalmente, justificando, assim, a captação de um intertexto: a referência feita à expressão “cura gay”.

- (i) a primeira parte das razões apontadas corresponde a uma espécie de tese defendida pelo enunciador homofóbico, conforme se verifica nos exemplos a seguir: “Ser gay não é algo natural” (razão nº 1); “Casamento gay vai incentivar o restante da população a ser gay também” (razão nº 2); “Casamento entre heterossexuais existe há séculos e não sofreu alterações ao longo dos anos” (razão nº 4); “casais gays afetarão na sexualidade de seus filhos e criarão filhos gays” (razão nº 7);
- (ii) já os argumentos apresentados em sustentação a cada uma das teses resvala para o nonsense, revelando, desse modo, não se tratar realmente de argumentos de defesa, tendo em vista a natureza descabida do que é dito, como se verifica a seguir: “Brasileiros de verdade são extremamente contra tudo aquilo que não é natural, como ar-condicionado, óculos de grau e Coca-Cola” (razão nº 1); “andar junto com pessoas altas vai incentivar todo mundo a ser alto também” (razão nº 2); “mulheres ainda não podem ter os mesmos direitos que os homens, brancos não podem casar com negros, e divórcio ainda é algo inaceitável na sociedade” (razão nº 4); “os casais heterossexuais criarão apenas crianças que, quando crescerem, também serão héteros. Já que todos os gays são descendentes de gays, claro” (razão nº 7).

Levanta-se, assim, a hipótese de texto que apenas aparentemente defenderia posições homofóbicas. A natureza dos argumentos explicita um funcionamento articulado entre a captação de asseverações homofóbicas e uma dimensão irônica que desloca o enunciador para o polo oposto, como defensor de um posicionamento contra a homofobia e, desse modo, os enunciados demonstram ser essencialmente polifônicos: neles, manifestam-se, no mínimo, as vozes da homofobia e as vozes que ironicamente simulam – e desqualificam – a homofobia.

Como descrever o funcionamento desse modo de enunciação? De que modo se inscreve na materialidade linguística o funcionamento de tais enunciados irônicos?

Como vimos anteriormente, recuperam-se posições / vozes que se assimilam aos que sustentam em suas teses um discurso homofóbico e que justificam tais posições por meio de argumentos de natureza ambígua: por um lado, trata-se de sintagmas que, ao insistirem no uso de conectores lógicos (“já que”, “porque”, “assim como”, etc.), produzem efeitos de consistência para a argumentação; por outro, a qualidade esdrúxula dos argumentos apresentados expõe sua ilogicidade, ou pelo menos remete a possibilidade de sentido desses mesmos argumentos para um outro mundo que não o nosso. Com efeito, em que planeta faria sentido imaginar que o casamento gay estimulará as outras pessoas a serem gays, da mesma forma que “andar junto com pessoas altas vai incentivar todo mundo a ser alto também”, ou então que “somente crianças criadas por uma mãe e um pai serão adultos dignos do sucesso”, razão pela qual “não é permitido que haja mães ou pais solteiros, ou crianças criadas por avós, tios, parentes, etc.”?

A mescla de logicidade (reiterado uso de conectores subordinativos) e ilogicidade (falsas analogias, evidências anedóticas), aliada à sensação de que não

se captam exatamente as palavras proferidas pelo outro, mas sim um certo tema, um certo tom, vêm colocar em cena um modo específico de apreensão desses discursos outros: o discurso indireto livre.

Ainda como mais um traço importante para a construção do etos (mostrado) desse enunciador é a natureza dos conectores que apontamos anteriormente, em especial os conectores causal *já que* (2 ocorrências) e comparativo *assim como* (4 ocorrências). Trata-se, com efeito, de conectores que deslocam o enunciado que introduzem para o plano do pressuposto. Senão, vejamos:

- (I) Já que todos os gays descendem de gays, casais gays afetarão na sexualidade dos filhos.
- (II) O casamento nunca será aceito, assim como nunca se aceitarão novas tecnologias como a internet e as redes de *fast food*.

Percebe-se que a ênfase dos enunciados (i) e (ii) recai sobre o posto, a saber, sobre os fatos de casais gays afetarem a sexualidade dos filhos – enunciado (i) –, e de que tal modalidade de casamento nunca será aceita – enunciado (ii). As demais informações veiculadas – “todos os gays descendem de gays” e “nunca se aceitarão novas tecnologias” – são enunciadas para não serem questionadas. E é precisamente essa marca de pressuposição que torna esses enunciados inaceitáveis, pois é bastante improvável que se possa aceitar que gays descendam apenas de gays, ou que as pessoas rejeitem novas tecnologias como internet e redes de *fast food*, ambas já amplamente presentes em nossos cotidianos.

Se pretendêssemos buscar elementos de um etos dito nas Dez razões para você ser contra o casamento Gay, ou seja, sintagmas que falassem do perfil desse enunciador, teríamos dificuldade de encontrá-los, mas temos, como visto, uma grande quantidade de elementos para caracterizar um etos pelo modo como se enuncia – etos mostrado. O que parece confirmar a plausibilidade de uma hipótese segundo a qual o chamado etos dito apenas se registra em casos muito pontuais e específicos, típicos de um certo tipo de textos – textos que implicam a autoapresentação do enunciador, como no caso dos textos do sítio escolhido para análise em Maingueneau (2014). Aliás, o próprio autor reconhece a diferença de estatuto entre as duas categorias de etos quando afirma que, “enquanto o etos discursivo é parte integrante de qualquer enunciação, o etos dito, a seu turno, não é obrigatório”<sup>15</sup> (MAINGUENEAU, 2014, p. 34).

A onipresença de um etos que se mostra na enunciação, em contraponto à “raridade” de ocorrências de um suposto etos dito, parece-nos constituir uma razão a mais para a eliminação deste, enquanto categoria geral de análise.

---

<sup>15</sup> Alors que l'éthos discursif fait partie intégrante de toute énonciation, l'éthos dit, lui, n'est pas obligatoire.

#### 4. CONCLUSÕES: ETOS E SUBJETIVIDADE

A posição tomada neste artigo por um retorno à noção de etos mais próxima de sua formulação original em *Análise do Discurso*, assentada na potência da dimensão mostrada das práticas de linguagem, configura um movimento que nos conduz não apenas a retroceder no tempo, mas simultaneamente a avançar sobre um arranjo conceitual que ainda desejamos expor.

Nas análises propostas, procuramos demonstrar um certo modo de funcionamento textual por meio de dispositivos como o da captação e o da subversão irônica, que se dão a ver pela ação de conectores e de encadeamentos transitando entre a logicidade e a ilogicidade de suas formulações. Tais movimentos contribuem com a apresentação de um corpo constituído por fragmentos em (des)conexão. Sua suposta unidade advém dessa composição bem ao estilo de um *“frankenstein”*, efeito que não apreendemos senão no conjunto da obra em movimento.

Se materiais como o que ora apresentamos nos incentivam a retomar uma formulação original de etos, levando-nos a abrir mão de subcategorias como etos prévio ou etos dito, é porque tal multiplicação de subcategorias sugere, a nosso ver, uma concepção de subjetividade que tende a circunscrever-se em um plano individual. Em outras palavras, corre-se o risco de uma indesejável aproximação a um modelo de sujeito estrategista que manifestaria o projeto de construir para si uma imagem projetada intencional e conscientemente. Contra um uso da noção de etos que viesse reafirmar a presença de uma tal perspectiva sobre subjetividade, sugerimos o recurso a outros dispositivos na proposta da semântica global que possibilitariam um tratamento adequado aos fenômenos observados, a exemplo do vocabulário e do estatuto dos coenunciadores.

O que ora anunciamos neste artigo é matéria para uma futura reflexão: pensar um conceito de subjetividade situado para além das amarras do linguístico, para além da questão do sujeito, a fim de refundar a problemática da subjetividade, procedendo a um “descentramento da questão do sujeito para a da subjetividade” (GUATTARI, 1992, p. 35):

“... o projeto cartesiano de fazer coincidir ... sujeito e subjetividade já não faz mais sentido, pois a subjetividade não é mais do que uma coleção de dados sem ordem, ... sem estrutura e sem lei, e não coincide com o sujeito porque este é apenas um efeito das articulações às quais as ideias estão submetidas.” (MIRANDA & SOARES, 2009, p. 413)

Se aqui articulamos as noções de etos e subjetividade, buscando avançar em uma compreensão do plano subjetivo para além das evidências empíricas, entendemos que nosso projeto aproxima-se do de Maingueneau (2005) – projeto que o autor não leva a cabo e para o qual ora desejamos contribuir:

Raciocinando em termos de dispositivo enunciativo, de cenografia, de ethos ..., recusamo-nos a reduzir a subjetividade enunciativa a uma consciência empírica ...” (MAINGUENEAU, 2005, p. 90)

Evitando, desse modo, o achatamento de perspectivas discursivas e empíricas no tratamento do etos, procedimento que correria o risco de alinhar em um mesmo plano noções como as de subjetividade, individualidade e identidade, propomos, na esteira de Miranda (2005), pensar a subjetividade não como uma qualidade interior circunscrita à individualidade, ou como uma substância que se rejeite em nome da neutralidade da ciência, menos ainda como algo que se reivindique como condição universal de um sujeito fora das transformações históricas, sociais e políticas. Com efeito, o estilo *frankenstein* observado no texto em análise diz muito, sem dúvida, do tipo de compreensão que seu locutor assume diante do debate acerca da união homoafetiva. No entanto, consideramos que ainda se diria pouco a respeito da materialidade investigada se pudéssemos tão somente remeter os mecanismos postos em cena às estratégias de um locutor – locutor esse que teve seu texto republicado em páginas eletrônicas variadas e, inclusive, uma encenação transformada em vídeo. O estilo *frankenstein* a que chegamos pode ser compreendido como uma pista para a apreensão da dimensão maquínica dos processos de subjetivação. E isso se dá menos pelas representações e estereótipos que comporta no plano do dito – e, sem dúvida, os comporta – e mais pelo tipo de funcionamento discursivo que põe em cena. É pelo modo como se retrabalha a memória e se atualizam seus fragmentos, suas reminiscências, que o texto exhibe uma maquinaria que constantemente nos convoca a nos remodelar.

Tudo o que aqui pretendemos dizer a respeito dos riscos que consideramos existirem ao se conferir um peso excessivo à dimensão da anterioridade (em detrimento da dimensão da atualidade) e por meio da adoção de categorias como etos prévio e etos dito ganha contornos bastante criativos no excerto de M. Foucault (1994) que transcrevemos a seguir e com o qual propomos fechar o presente artigo:

... quando as pessoas me dizem: “Você pensava assim há alguns anos, e agora você está dizendo outra coisa”, eu respondo: “Você acha que eu trabalhei tanto durante todos esses anos para continuar dizendo a mesma coisa e não me transformar?”. Essa transformação de si por seu próprio saber é, creio, algo de muito próximo da experiência estética. Por que razão um pintor trabalharia se ele não fosse transformado pela sua pintura?<sup>16</sup>

---

## REFERÊNCIAS

AMOSSY, R. “O ethos na intersecção das disciplinas: retórica, pragmática, sociologia dos campos”. In: AMOSSY, R. (Org.) *Imagens de si no discurso – a construção do ethos*. Tradução de Dilson Cruz, Fabiana Komesu, Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005, p. 119-144.

---

<sup>16</sup> Fragmento de entrevista com Foucault em 1982, em Toronto. “... lorsque les gens me disent: “Vous pensiez cela, il y a quelques années, et maintenant vous dites autre chose”, je répons: “Croyez-vous que j’ai travaillé autant, pendant toutes ces années, pour dire la même chose et ne pas être transformé?” Cette transformation de soi par son propre savoir est, je crois, quelque chose d’assez proche de l’expérience esthétique. Pourquoi un peintre travaillerait-il, s’il n’est pas transformé par sa peinture?”

- DELEUZE, G. *Diferença e Repetição*. Trad. Luiz Orlandi, Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- DI FANTI, M.da G.C.; FERÉ, L. *Letras de Hoje*. V. 53, Nº 3. Porto Alegre: Ed. PUC-RS, 2018.
- DUCROT, O. “Esboço de uma teoria polifônica da enunciação”. In: DUCROT, O. *O dizer e o dito*. Revisão técnica de tradução de Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987.
- FOUCAULT, M. “Une interview de Michel Foucault par Stephen Riggins”. *Dits et écrits* 1980-1988. Vol. IV. Paris: Gallimard, 1994, p. 536), 1994.
- GUATTARI, F. *Caosmose – um novo paradigma estético*. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1992.
- HADDAD, G. “Ethos prévio e ethos discursivo: o exemplo de Romain Rolland”. In: AMOSSY, R. (Org.) *Imagens de si no discurso – a construção do ethos*. Tradução de Dilson Cruz, Fabiana Komesu, Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005, p. 145-165.
- HENRIQUES, C. C. *Geo-História do Português*. Estudos sobre a história e a geografia do português na perspectiva brasileira. Rio de Janeiro: Gramma, 2019.
- MAINGUENEAU, D. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. Tradução de Freda Indursky. Campinas: Pontes, 1989.
- MAINGUENEAU, D.. “O ethos”. In: MAINGUENEAU, D. *O Contexto da Obra literária*. Tradução de Marina Appenzeller. Revisão de tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- MAINGUENEAU, D.. “Interdiscurso”. In: CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. *Dicionário de Análise do Discurso*. Coord. de tradução Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2004.
- MAINGUENEAU, D.. “Ethos, cenografia, incorporação”. In: AMOSSY, R. (Org.) *Imagens de si no discurso – a construção do ethos*. Tradução de Dilson Cruz, Fabiana Komesu, Sírio Possenti. São Paulo: Contexto, 2005, p. 69-92.
- MAINGUENEAU, D.. *Retour critique sur l'éthos*. In: *Langage et société*. Nº 149. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'homme, 2014/3, p.31-48.
- MIRANDA, L. L. “Subjetividade: a (des)construção de um conceito”. In: SOUZA, S.J e. (Org.) *Subjetividade em questão: a criança como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.
- MIRANDA, L.L.; SOARES, L.B. Produzir subjetividades: o que significa? (*online*). In: *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, v. 9, n. 2. Rio de Janeiro: Uerj, 2009, p. 408-428.
- MOTTA, A.R.; SALGADO, L. (Orgs.) *Ethos discursivo*. São Paulo: Contexto, 2008.

## ANEXO

### 10 razões para você ser contra o Casamento Gay

<https://www.osprofanos.com/10-razoas-para-ser-contrario-o-casamento-gay/>

No meio de tantos protestos e revoltas, é aprovada a tal da Cura Gay, um projeto que promete fazer todos aqueles que gostarem de pessoas do mesmo sexo que o seu se regenerarem e virarem pessoas de bem e heterossexuais. Porque é claro que o Brasil está doente e os gays, obviamente, estão doentíssimos. E, abaixo, tu vê 10 razões incríveis pra toda a nação ir contra o casamento homossexual, essa doença da nossa sociedade, é claro:

1. Ser gay não é algo natural. Brasileiros de verdade são extremamente contra tudo aquilo que não é natural, como ar-condicionado, óculos de grau e Coca-Cola.

2. Casamento gay vai incentivar o restante da população a ser gay também, assim como andar junto com pessoas altas vai incentivar todo mundo a ser alto também.

3. Legalizar casamento gay vai encorajar todo tipo de comportamento, tipo casar com seu animal de estimação, já que este é extremamente apto a tal tomada de decisão legal.

4. Casamento entre heterossexuais existe há séculos e não sofreu alterações ao longo dos anos, assim como mulheres ainda não podem ter os mesmos direitos que os homens, brancos não podem casar com negros, e divórcio ainda é algo inaceitável na sociedade.

5. Casamentos entre heterossexuais vão perder seu significado se o casamento gay for bem aceito. Casamentos tipo os da Gretchen vão perder toda sua santidade e serão destruídos desta forma.

6. A única razão para que haja algum casamento é para fins reprodutivos, ou seja: gerar uma criança. Portanto, não podem se casar: casais gays, casais inférteis, e casais de idosos, porque orfanatos estão vazios e o mundo precisa somente de mais crianças, e não amor entre os cônjuges.

7. Obviamente, casais gays afetarão na sexualidade de seus filhos e criarão filhos gays, assim como os casais heterossexuais criarão apenas crianças que, quando crescerem, também serão héteros. Já que todos os gays são descendentes de gays, claro.

8. Casamentos gays não são aceitos pela religião e, em um país cultural como o nosso, é óbvio que apenas uma religião existe e comanda a massa. Claro.

9. Somente crianças criadas por uma mãe e um pai serão adultos dignos do sucesso. Por isso que, inclusive, não é permitido que haja mães ou pais solteiros, ou crianças criadas por avós, tios, parentes, etc.

10. Casamento gay vai mudar a forma de pensar e se comportar da sociedade. Por isso, não deve ser aceito. Assim como também não aceitamos e nunca aceitaremos o surgimento de novas tecnologias, carros, iPhones, internet e redes de fast-food.

Verdade, Feliciano. Deve mesmo haver um projeto de Cura: Cura da Alienação e Falta de Noção e Respeito para com todo e qualquer cidadão que apenas busca ser feliz, e em paz.

Recebido: 31/03/2019  
Aceito: 13/06/2019  
Publicado: 27/06/2019